

## O ESTÁGIO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: TESSITURAS PEDAGÓGICAS E EXPERIENCIAIS COM JOVENS UNIVERSITÁRIOS EM UM GRUPO DE ORAÇÃO NA UVA

Denilson Fernandes de Aguiar<sup>1</sup>  
Maria Daniele Oliveira Araújo<sup>2</sup>  
Nadja Rinelle Oliveira de Almeida<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo é resultado das experiências vivenciadas no estágio supervisionado em Movimentos Sociais e Educação Popular, vinculado ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. Realizado no grupo de oração de jovens universitários da referida instituição, tem como coordenação jovens da Comunidade Católica Shalom e como participantes universitários e professores do Centro de Ciências da Saúde (CCS). Tivemos como referencial teórico metodológico os seguintes autores: Brandão (1989), Pirozzi (2014), Novaes (2005), Filho (2012), Libâneo (2007) e Gohn (2006). O estágio configurou-se em atividades de observação e ações pedagógicas interventivas a partir do projeto intitulado “Perspectiva de futuro dos jovens e seus olhares e concepções sobre os processos de religiosidade: o que diz suas caminhadas pelo ensino superior?”. Nessa caminhada buscamos levar os participantes a refletirem sobre suas perspectivas de futuro e seus processos de religiosidade, partindo de suas experiências no ensino superior. Nesse trajeto foi possível compreender a importância do pedagogo nesses espaços e o quanto este pode conduzir os participantes a refletirem, por meio das atividades pedagógicas, suas tessituras pelo ensino superior e como estas conseguem promover diálogos com as suas trajetórias pelo campo da religiosidade e como isso imprime as suas perspectivas de futuro a partir do encontro com essas duas instituições e suas práticas cotidianas.

**Palavras-chave:** Estágio supervisionado. Educação não formal. Espaços não escolares. Pedagogo.

### INTRODUÇÃO

Este texto contempla os resultados obtidos na experiência do Estágio Supervisionado em Movimentos Sociais e Educação Popular realizado em um grupo de oração para universitários que acontece em um dos *campi* da UVA, o Centro de Ciências da Saúde (CCS), e que tem carga horária de 80 horas, sendo 40 delas para orientação em sala de aula e as outras 40 divididas em dois blocos de 20 horas cada, um de observações e o outro de ações

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA, [denilson\\_aguiar123@hotmail.com](mailto:denilson_aguiar123@hotmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA, [daniaraujosh054@gmail.com](mailto:daniaraujosh054@gmail.com);

<sup>3</sup> Orientador. Doutora e Mestre em educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). [nadjarinelle\\_234@hotmail.com](mailto:nadjarinelle_234@hotmail.com).

interventivas O estágio curricular supervisionado tem como objetivo proporcionar ao acadêmico o contato com experiências docentes, permitindo que este faça a junção entre teoria e prática.

De acordo com Vasconcelos (2012) o Estágio em Contextos Não Escolares trará diversas contribuições para a formação do pedagogo, propiciando a sua inserção na realidade de diferentes instituições e a possibilidade de desenvolvimento de um conhecimento mais aprofundado sobre as práticas pedagógicas em contextos distintos da escola.

O eixo deste estágio é voltado para os espaços não escolares, ou seja, ambientes de caráter social que desenvolvem ações socioeducativas extraescolares, tendo como objetivo levar os acadêmicos a desenvolverem uma visão global da educação, que vai para além da educação formal, desenvolvida no âmbito escolar, assim comenta Pirozzi (2014, p. 36):

Talvez de longa data se associe o pedagogo à escola; contudo, o papel do pedagogo é para além dos muros escolares. Dessa forma, uma temática bem pertinente para a reflexão é a pedagogia em espaços não escolares, algo novo, que surge como uma reafirmação da função do pedagogo como um profissional da educação, tendo seu campo de atuação não se restringindo exclusivamente ao universo escolar.

O *locus* para a realização do estudo foi um grupo de oração sob a coordenação de estudantes pertencentes à Comunidade Católica Shalom. Este grupo nasceu em 1982, em Fortaleza, e tem como fundador Moysés Luro de Azevedo. É uma organização religiosa, com identidade jurídica filantrópica com reconhecimento Pontifício. Tem como finalidade a evangelização que se dá por meio de grupos de oração, artes, formação humana e doutrinária, eventos, retiros, congressos, mídias de comunicação social, educação, eventos formativos e culturais.

O grupo de oração, inserido na universidade, tem como objetivo levar aos jovens uma experiência real com o amor de Deus através da oração, da fraternidade e de testemunhos. Com apenas cinco meses de existência, o grupo tem sido um refúgio para os universitários participantes que o buscam para alimentar sua espiritualidade e refletirem o papel da universidade nesse cenário. O grupo de oração surgiu em março de 2019 e almeja expandir-se para outros *campi* da universidade.

Para desenvolvermos uma proposta pedagógica voltada para a atuação do estágio supervisionado, tivemos como propósito focar o olhar sobre as perspectivas dos jovens universitários e suas experiências no campo da religiosidade e como estas tessituras desenvolvidas estando no ensino superior acontecem, ou seja, buscamos conduzi-los a

refletirem suas motivações atuais, seus sonhos e o seu futuro a partir das relações estabelecidas com a universidade e suas atuações religiosas. Incentivamos a reflexão, a liberdade para expressar suas perspectivas e os seus anseios, tendo como fio condutor o papel do grupo de oração nesse contexto.

O trabalho desenvolvido foi extremamente significativo, pois eles se sentiram livres para compartilhar e refletir conosco suas vivências universitárias e os seus caminhos. Apesar de isto ser, para a maioria, um desafio, ao contemplar os sonhos almejados, apoiados na fé, recuperam as forças para continuarem caminhando.

## **METODOLOGIA**

Os jovens trazem em si sonhos e projetos, por muitas vezes confusos e incertos, principalmente no âmbito universitário. Durante as observações, percebemos que o grupo de oração, realizado nos fins de tarde das quartas-feiras, é um refúgio para eles, pois é perceptível o quanto compartilham cansaços, frustrações, preocupações decorridas de uma semana exaustiva, por conta da exigência dos estudos e de outras responsabilidades a que são sobrecarregados.

Os participantes do grupo de oração são jovens matriculados na UVA, nos cursos de Administração, Letras, Enfermagem, Educação Física e Engenharia Civil, e também alguns professores universitários. Nos encontros ocorre um momento de acolhida, fraternidade uns com os outros e vivência de oração, na qual os integrantes podem ter intimidade maior com as suas crenças religiosas.

Percebemos que muitos trazem medos, frustrações quanto ao seu futuro, tanto pessoal quanto profissional, e encontram no grupo de oração acolhida e alento da parte de Deus e dos colegas, que também compartilham da mesma experiência. Durante o período das observações não vimos, da parte deles, abertura alguma quanto à partilha de seus anseios e autoconhecimento. Percebemos, ademais, que o grupo, nos poucos intervalos que possui, não trabalha essas questões.

Por isso pensamos em abordar, junto aos universitários, a perspectiva de futuro, fazendo-os refletir quanto às suas motivações atuais e seus sonhos construídos para o futuro. Buscamos estimular nos jovens a expressão de sentimentos, pautados em suas perspectivas e anseios, fazendo uma interface entre o que eles vivem na universidade, no grupo de oração e como isso pode interferir em seus projetos de futuro e atuação no campo universitário.

Durante as observações percebemos, ainda, que a maioria dos jovens demonstravam anseios ao se portar para o futuro. Apenas alguns possuíam projetos já construídos ou em fase de construção. Mas, de forma geral, percebemos que o que, de fato, lhes falta é exatamente essa liberdade de se expressar e ser entendido como um sujeito inacabado, num processo de construção e de esclarecimento às suas expectativas de vida.

Diante dessa problematização percebida, aplicamos um projeto abordando o tema *Perspectiva de Futuro*. Nele desenvolvemos atividades pedagógicas estimuladoras da redescoberta da própria identidade, numa perspectiva de presente e futuro, interagindo com as suas expectativas e anseios. O fio condutor desta proposta foi o *campo da religiosidade*, ou seja, como esse entrelaçamento entre *universidade, religiosidade e perspectiva de futuro* poderiam interferir nos projetos de vida desses jovens.

## DESENVOLVIMENTO

A ideia de “educações”, ou seja, de uma educação pautada não apenas no espaço escolar, tampouco repassada apenas pelo professor, acontece e pode ser comungada com Brandão (1989, p.9) quando diz: “Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor [...]”.

Nessa conjuntura se percebe que a educação é ampla e que as ações construídas a partir dela encontram dificuldades para serem validadas em virtude de não estarem acontecendo no chão da escola. Podemos apontar, por exemplo, a educação que é repassada de gerações para gerações, através dos costumes, da educação familiar pautada em princípios, assim como a educação religiosa que é disseminada no espaço religioso.

Com isso, compreendemos a importância de educadores refutarem a ideia de que a educação não é tarefa exclusiva da escola, legitimando também os espaços religiosos como campos educativos, que podem dialogar com os saberes produzidos pela instituição escolar.

Neste sentido, entendemos a educação como construção de elemento primordial para a socialização da humanidade.

Existe a educação de cada categoria de sujeitos de um povo; ela existe em cada povo, ou entre povos que se encontram. Existem entre povos que se submetem e dominam outros povos, usando a educação como um recurso a mais de sua dominância. Da família a comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender. (BRANDÃO, 1989, p.9).

É perceptível que há a presença educativa em todos os meios sociais. Nessa direção entendemos que em um grupo de oração, composto por jovens universitários, também se manifesta uma diversidade de práticas educativas que não pode deixar de ser olhada e analisada a partir da participação do jovem nesses contextos, sejam eles religiosos ou universitários. O jovem, ao estar nesses âmbitos, também produz educação e participação. Sobre a participação efetiva do jovem, Novaes (2005, p.1) explica:

A indagação sobre a participação social dos jovens remete à indagação a respeito do futuro da democracia e do desenvolvimento das sociedades latino-americanas. A preocupação com os jovens remete ao futuro da sociedade e ao campo de virtualidades para seu desenvolvimento. Serão os jovens que definirão continuidades ou mudanças da sociedade e de suas instituições. Nesta perspectiva, refletir sobre continuidades e descontinuidades históricas nas formas de participação dos jovens pressupõe um diálogo entre as experiências do passado e os novos sujeitos e tipos de organização do presente.

Pensar projetos sociais que adentrem os grupos sociais compostos por jovens, promovendo reflexões, é um elemento necessário para a participação deles na sociedade. Quando se refere ao jovem Universitário em um grupo religioso, as práticas educativas se tornam um desafio por trabalhar diversas peculiaridades pautadas nas crenças e valores de cada um, principalmente quando se incita o encontro dele consigo mesmo e com o outro, a partir de suas percepções sobre a vida e a realidade, numa esfera mais individual e coletiva.

Sendo assim, acreditamos na importância de se trabalhar com os jovens universitários perspectivas de futuro e o campo da religiosidade, tendo como base o fato de esses ainda estarem em processo formativo. Fase essa em que se deparam com os acontecimentos do âmbito familiar, na universidade e nos espaços religiosos, tendo que administrar precocemente todos eles e ainda oferecer uma resposta para a sociedade que lhes cobra uma postura ética e competente, perante os acontecimentos presentes e ações sólidas e coerentes para o futuro.

Nessa conjuntura reafirmamos a relevância do profissional da pedagogia nos âmbitos não formais quando este consegue, a partir da sua *práxis*, planejar e desenvolver práticas pedagógicas conforme a realidade do grupo e as necessidades por ele apresentadas. Franco, Libâneo e Pimenta (2011, p.61) sugerem que:

Desse modo, a formação profissional de pedagogos extrapola o âmbito escolar formal devendo abranger, também, esferas mais amplas da Educação, a não-formal e a informal, ou seja, toda atividade docente é atividade pedagógica, mas nem toda atividade pedagógica é necessariamente atividade docente.

Com isso percebemos que a pedagogia, ao estar e ser reconhecida em espaços não escolares, vem desmistificar a ideia de que o pedagogo só pode atuar em sala de aula, ou seja, que o lugar do pedagogo é apenas no âmbito da escola. Nestas experiências, podemos reconhecer ainda os campos educacionais, sejam eles convencionais ou não e que o profissional de pedagogia é aquele que atua nesses diversos campos, que nestes há manifestações educativas e que estas devem ser olhadas e refletidas.

Sobre os campos de educação, sejam eles formais, informais ou não formais, Gohn (2006) nos mostra que a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdo previamente demarcados; a informal, aquela em que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização (na família, no bairro, no clube, entre amigos etc.), carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não-formal, aquela que se aprende “no mundo da vida”, via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas.

Ao olharmos para a diversidade de manifestações educativas nesses cenários, Pirozzi (2014) nos leva a perceber que o pedagogo precisa assumir um perfil, além daquele de sua formação específica. Para o autor, este profissional precisa ser flexível, com boa comunicação, com comprometimento, administrador de conflitos, que consiga trabalhar sobre pressão (resiliência), que seja eficiente e eficaz, criativo, dinâmico e que domine habilidades de planejamento, monitoramento e avaliação, dentre outros aspectos.

Segundo Libâneo (2007) todo esse dinamismo e todas essas habilidades devem ser experienciadas pelo pedagogo, porque a educação, enquanto atividade intencional, é uma prática social cunhada como influência do meio coletivo sobre o desenvolvimento dos indivíduos na sua relação ativa, com o meio natural e social, tendo em vista, precisamente, potencializar essa atividade humana, para torná-la mais rica, mais produtiva, mais eficaz diante das tarefas da *práxis* social, postas num dado sistema de relações sociais.

Com vistas a essas reflexões, entendemos que, ao mergulharmos como estagiários nos campos não formais, temos a oportunidade de irmos descortinando os processos educativos que são múltiplos e que requerem do profissional de pedagogia, um olhar que acolhe, reconhece, analisa e (re)constrói práticas educativas que se fazem e se refazem a partir das dinâmicas sociais e culturais presentes nas crenças e nas posturas dos sujeitos no ato de educar, permeados de resistência, resiliência e esperança de dias melhores a partir de suas atuações no/pelo mundo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estágio nos espaços não-escolares, realizado em um grupo de jovens universitários, foi extremamente significativo, tanto para os participantes como para nós, enquanto agentes educativos dessa iniciativa. O período de intervenção do projeto, cujo tema foi *perspectiva de futuro e o campo da religiosidade*, foi bem relevante, pois durante a aplicação os participantes foram dando *feedbacks* constantes do que íamos realizando.

A intervenção ocorreu em quatro quartas-feiras seguidas, e a cada semana foram elaboradas as devidas atividades pedagógicas. No início da intervenção, tivemos a exposição de várias palavras na sala que poderiam representar seus percursos na universidade e cada membro do grupo escolheu duas palavras que mais representassem a sua caminhada no meio universitário. Em seguida, eles refletiram sobre a escolha que fizeram e o porquê de terem escolhido essas palavras. Logo após, cada membro argumentou sobre suas palavras e descreveu suas trajetórias e superações para permanecerem na universidade.

As palavras destacadas por eles foram: Sonho, resiliência, alegria, competitividade, felicidade, dificuldades, escolha, finanças, etc. Finalizando este momento, construímos em grupo um quadro dos sonhos. Nessa atividade cada um coloca no cartaz os seus sonhos deixados, pela maioria deles, no depósito do esquecimento. Essa atividade teve como proposta oportunizá-los a fazer uma retrospectiva de tudo o que passaram para estarem ali, naquele âmbito. Na ocasião eles relataram suas angústias diárias para permanecer na universidade.

Em um outro momento interventivo questionamos inicialmente sobre o que eles sabiam a respeito da palavra *Shalom* e o que significava para a vida deles. Alguns responderam que significava paz, alegria, amor. Em seguida utilizamos o livro “Escritos” de autoria do próprio fundador da Comunidade *Shalom* para definirmos conceitualmente esta palavra.

Para o povo de Deus que esperava ansiosamente a manifestação do Messias, a saudação *Shalom* era já como um anúncio da Salvação. Quando se saudavam mutuamente com o *Shalom*, expressavam o desejo de toda a sorte de bens espirituais e físicos: a felicidade perfeita, a salvação que o Messias viria dar, a plenitude da PAZ. A verdadeira paz que não vem dos homens, mas de Deus. (FILHO, 2012, p. 63).

Logo após essa explanação, levantamos a reflexão aos jovens sobre o que os fez desejar estarem em um grupo de oração no âmbito universitário e qual o impacto deste diante dos desafios promovidos pelos estudos na universidade. Usando papéis e pincéis, eles escreveram e depois expuseram oralmente para os demais seus sentimentos em relação ao grupo de oração.

Alguns deles explanaram que viam aquele momento de apenas uma hora de duração, no final da tarde das quartas, como um refúgio e abrigo, de contato com suas crenças.

Em um outro momento entregamos folhas em branco para que exercitassem, através da escrita, o olhar para a sua vida, de forma global, incluindo a área acadêmica, contemplando três aspectos: como eles eram há cinco anos, como eles estão/se percebem atualmente e suas perspectivas de futuro. Em seguida, cada um socializou o que escreveu, e fez uma pequena explanação do porquê elencou aquela característica/situação.

Alguns deles trouxeram um pouco da sua história de vida e relacionamentos e compartilharam com o grupo. Esse momento foi bastante relevante, pois puderam refletir e fazer o exercício de autoconhecimento, de reconhecimento de suas potencialidades e desejos futuros. Encerramos as atividades solicitando que recordassem as atividades desenvolvidas e apresentassem os possíveis impactos e posicionamentos quanto a essas atividades pedagógicas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Acreditamos que foi de grande relevância nos inserirmos neste espaço social e educativo e compreender que a educação se faz presente em vários cenários e não apenas na instituição escolar. Como cientista da educação é imprescindível ter uma visão global dos ambientes da sociedade e de que a atuação do pedagogo está imbricada nessas conjunturas. O estágio supervisionado veio para somar, quando nos conduziu a mergulhar nos conhecimentos e no desenvolvimento de práticas educacionais em uma instituição religiosa, com os jovens universitários.

Também se abriu nessa experiência uma visão sobre a necessidade de realização de pesquisas no sentido de reconhecer e fortalecer a atuação desse profissional nos ambientes não formais. O pedagogo nesse contexto ainda se configura como um momento inaugural deste profissional nesses campos, uma vez que, apenas no ano de 2006, tivemos a publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Pedagogia e com isso o reconhecimento dos espaços não escolares como possibilidade de atuação pedagógica, desconstruindo a ideia de uma formação profissional pautada apenas em uma habilitação, constituindo de maneira curricular, a formação de um pedagogo plural, que reconhece e alcança uma diversidade de públicos e nele constrói educações.

Assim, chegamos a essa experiência cientes de que a educação é um ato que está presente em vários espaços, que se tece com fios de cores diversas e que cada cor impressa



nesse tecido compõe as experiências individuais e coletivas dos atores que tornam vivos esse ato educativo junto ao pedagogo, havendo nesse movimento de *práxis* o conhecimento e o reconhecimento de experiências sociais e educativas e que estas podem “educar” e “deseducar” o sujeito que dela faz parte, seja o educando ou o profissional que realiza suas tessituras pedagógicas.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FILHO. Moysés Louro de Azevedo. **Escritos – Comunidade Católica Shalom**. Aquiraz Edições Shalom. 6º ed., 2012.

FRANCO, Maria Amélia Santoro; LIBÂNEO, José Carlos; PIMENTA, Selma Garrido. As dimensões constitutivas da Pedagogia como campo de conhecimento. **Conferência de Abertura do IV Fórum Nacional de Pedagogia (FONAPE)**, Belo Horizonte, p. 55-78, 21 set. 2011.

GOHN. Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *In: Revista Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?**. 9 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

NOVAES, R. **A Juventude de hoje: (Re) Invenções da Participação Social**. Resumo executivo. Conferência do 75º aniversário da Fundação W.K. Kellogg: Associando-se com a juventude para construir o futuro. São Paulo, 2005.

PIROZZI, Giani Peres. Pedagogia em Espaços Não Escolares: Qual é o Papel do Pedagogo? *In: Revista Educare CEUNSP – Número 2, Volume1*. Set. 2014.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **Estágio em contexto não escolares**: UERJ: v. único; Rio de Janeiro, 2012.